

ESCOLA VIVA: TRANSFORMAÇÕES DO AMBIENTE ESCOLAR

ANDRÉ GUSTAVO DE CAMPOS¹; MATHEUS AUGUSTO DE SOUZA MATOS²;
NÁDIA DA CRUZ SENNA³

¹*Centro de Artes/UFPEL – andreg601@gmail.com*

²*Centro de Artes/UFPEL – matheus.2015.matos@gmail.com*

³*Centro de Artes/UFPEL – alecrins@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por base a apresentação das ações desenvolvidas pelo PET (Programa de Educação Tutorial) junto ao projeto de extensão ARTE NA ESCOLA. O projeto tem como objetivo incentivar a discussão acerca das linguagens visuais, promover a produção artística individual e coletiva dos alunos, além da integralização com o ambiente escolar, para isso estão sendo realizadas oficinas de grafite, história em quadrinhos e stencil na Escola Técnica Estadual Professora Sylvia Mello, localizada no bairro Fragata. Os participantes das oficinas são alunos do primeiro ano do ensino médio, na faixa etária de 14 a 16 anos.

As ações extensionistas têm como foco gerar um sentimento de pertencimento ao meio escolar por parte dos alunos, melhorando o envolvimento em sala de aula e por consequência aumentando o rendimento escolar. Portanto, buscamos levar até as escolas oficinas, onde será discutido a história do grafite, os tabus inseridos nesse meio e seu teor emancipatório, também a história das HQs, o desenvolvimento de narrativas visuais e noção de identidade, bem como os processos técnicos de produção. Nas oficinas, utilizaremos nossas práticas pessoais como alunos do Bacharelado em Artes Visuais e saberes enquanto artistas, além de discutirmos aspectos de movimentos artísticos que podem contribuir para o ensino de Arte encontrados no Artigo Grafite e o Ensino da Arte, (Lazzarin L. F. 2007), dentre outros documentos.

2. METODOLOGIA

A metodologia aplicada é flexibilizada de acordo com as especificidades de cada proposta, mas se entrelaça nos aspectos mais gerais. Para a realização das oficinas de história em quadrinhos foi necessário explicitar o surgimento e aparições desse gênero em diversas partes do mundo, além de propor um primeiro contato com a linguagem para grande parte dos alunos. Inicialmente foi sugerido uma leve folheada pelos livros “Adeus tristeza” da autora chinesa-estadunidense Belle Yang, “Mafalda” de Quino, “O espetacular Homem-Aranha; De volta ao lar” de J. Michael Straczynki e John Romita Jr. em “Wolverine; No covil dos assassinos n. 12” da Marvel com Panini Comics, para que a partir dali surgisse o diálogo sobre características, processos criativos, técnicos e curiosidades. Nos encontros subsequentes, foi levado uma introdução à figura humana e os modelos canônicos, anteriormente nos apresentados na disciplina de “Desenho de Figura

Humana” dos cursos de Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura) ministrada pela professora dra. Nádia da Cruz Senna. Também foi abordado uma das características do estilo ocidental, além do estilo chinês “Manhwa”, e como se projeta o manuseio de materiais típicos para essa concepção, como os pincéis e a tinta nanquim.

Já nas oficinas de grafite, o método adotado se calca em três etapas fundamentais para entender o processo como um todo. Num primeiro momento, propomos uma reflexão sobre a gênese do grafite no ocidente, que como nos conta Lazarrin (2007) em seu artigo sobre o Grafite e o Ensino da Arte, ocorre na Europa, através de manifestações políticas “Desde o início, o grafite está ligado à contestação política e ideológica e a movimentos de afirmação identitária”. Ele também fala sobre a difusão pela América nas décadas de 70 e 80, seu desenvolvimento nos EUA como forma de afirmação das comunidades negra e latina, nas cidades de Nova York, Bronx e Brooklin e as influências dessa arte no Brasil. Uma vez que os participantes compreendem a fundamentação histórica do grafite, os artistas que trabalharam e trabalham com essa linguagem, o resultado do fazer artístico dos alunos ganha consistência, abrindo espaço para um diálogo mais aprofundado, como por exemplo, a discussão dos preconceitos enfrentados e os valores impostos no grafite e até mesmo no picho. Por outro lado, somente a contextualização histórica não dá conta de prover o entendimento sobre a execução manual, portanto, num segundo momento inserimos o conceito da técnica e dos materiais correspondentes a essa prática, como por exemplo as formas de trabalhar com a tinta em spray e os diferentes tipos de traços e efeitos obtidos através do gesto. Expostas essas questões, é dado início então o último momento, o de produção prática, onde os participantes em coletivo, grafitam os muros da escola com suas próprias criações.

A metodologia acerca do estêncil se diferencia das outras por necessitar de uma construção totalmente prática, pensando que os processos técnicos são demorados e vão desde passar a imagem para o acetato até a impressão do desenho, a produção é feita em coletivo, para otimizar o tempo. No fim todos conseguem imprimir seus stencils autonomamente.



Figura 1. Oficina de grafite ministrada em junho. Fonte: o autor.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As oficinas vêm sendo aplicadas desde junho deste ano, e ocorrem todas as quartas e quintas-feiras nos períodos da manhã e da tarde. Os resultados obtidos são perceptíveis nos aspectos; material e conceitual. No campo material temos resultados físicos do processo criativo dos alunos, tendo em mente que as oficinas desenvolvidas geram um objeto artístico final, a exemplo são as HQs que tratam sobre a identidade da escola, os grafites coletivos nos muros, as impressões e matrizes de estêncil feitas pelos participantes. No campo conceitual percebemos os seguintes resultados nas oficinas de história em quadrinhos; uma maior participação e interesse dos adolescentes, que propõem tópicos de aprendizagem e indagações durante o fazer, demonstrando a disposição desses alunos. “[...] Pierre Michel, professor do Liceu de Corbeil, na França, destaca as aplicações dos quadrinhos na educação. Para ele trata-se de um ‘material’ que pode suscitar a reflexão, a pesquisa e a criação[...]” (SANTOS; 2001; *ebook*). No decorrer de nossos encontros, ficou evidente uma evolução na gestualidade. O que antes eram desenhos tímidos e aguerridos ao meio da folha, em questão de semanas, o percurso dos lápis e pincéis estavam desbravando as possibilidades de preencher o suporte com confiança.

Em ambas as oficinas, de estêncil e grafite, os resultados percebidos no decorrer das atividades que vão para o campo conceitual, perpassam pela desenvoltura de execução da técnica nas linguagens propostas, um grande exemplo foi ver uma aluna que no início das oficinas não falava nem interagia muito, porém, vendo os amigos produzirem, se sentiu à vontade para pegar a lata de spray e se expressar no muro, o que impressionou seus colegas e professores, principalmente pela habilidade de pintura. A partir disso notamos uma aproximação dela com a turma, nas últimas ações vimos que estava mais comunicativa e envolvida com as atividades. Também notamos que a coletividade entre os participantes e os ministrantes aumentou no desenrolar das oficinas.

Entretanto, por mais que os resultados sejam revigorantes e de suma importância quando pensamos em extensão, existem ainda problemáticas que interferem diretamente na realização das oficinas. Sabemos que o sucateamento do ensino público já atravessa anos na nossa história, como consequência vemos as escolas de ensino básico tendo que funcionar com verbas minúsculas, o que dificulta em muito o aprendizado, no caso das oficinas na escola Sylvia Mello, isso implica na questão dos materiais. Latas de tinta spray, tinta nanquim, pincel, acetatos além de muitos outros itens são essenciais na promoção dessas atividades, porém, infelizmente quando a escola não consegue disponibiliza-los, as oficinas deste eixo não são possíveis de serem executadas, o que tira dos alunos oportunidades de conhecerem essas linguagens. Contudo, ainda há formas de conseguirmos levar essas discussões aos jovens estudantes. Através do custeio de material

do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação), obtido pelo PET, foi possível a realização dessas oficinas, o que gera a possibilidade de atividades que vão além da sala de aula e promovem a arte.

4. CONCLUSÃO

Ao avaliarmos as ações do projeto percebemos que há um imenso interesse dos participantes no processo do fazer artístico e nas linguagens propostas pelas oficinas realizadas. Projetos de extensão como o Arte na Escola são ferramentas valiosíssimas que cumprem com o dever da universidade de espalhar o conhecimento obtido aqui dentro com a comunidade. Quando nos referimos diretamente a escola Sylvia Mello, onde atualmente funciona em período integral, o que significa que os estudantes passam grande parte do dia no âmbito escolar, surge a necessidade de integralizar os alunos entre si e com o espaço, e esse é um dos papéis das ações, através delas contribuimos para a geração do sentimento de pertencimento do lugar. Compreendemos que as atividades extensionistas são de suma importância na sala de aula, uma vez que a educação é a base para a formação e garantia de cidadania. Sendo assim, promovermos essas atividades, contribuem para um crescimento mútuo, da comunidade, das escolas públicas e nosso como profissionais e artistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LAZZARIN, L. F. Graffiti e o ensino da arte. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.32, n.1, p. 62, 2007. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6660/3976> Acesso em 3 de setembro de 2019.

SANTOS, R. E. Aplicações da história em quadrinhos. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v.22, p. 47, 2001. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36995/39717> Acesso em 12 de setembro de 2019.